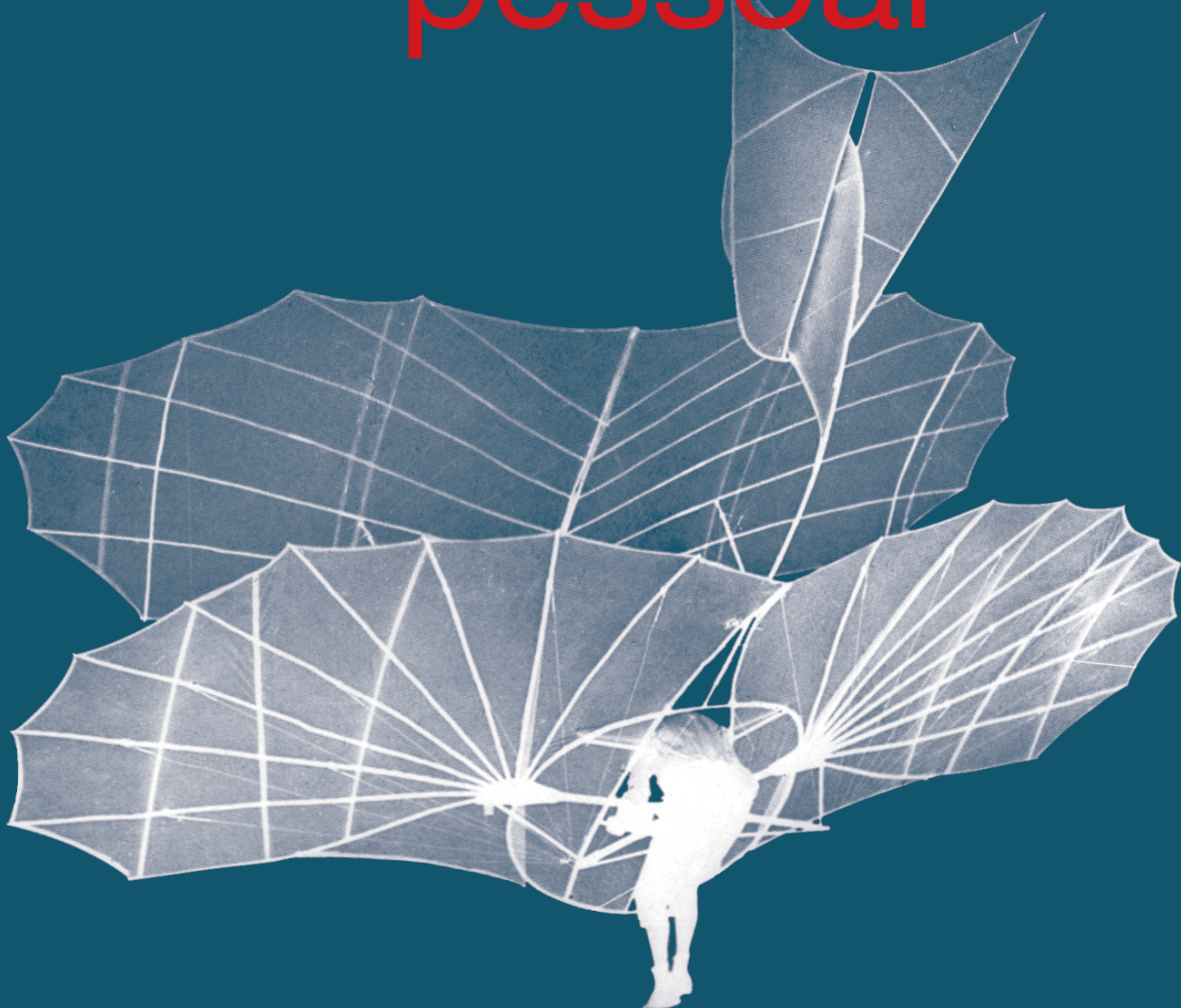


11 Avaliação da progressão pessoal





SUMÁRIO

O PERÍODO INTRODUTÓRIO

- Os jovens chegam à Tropa por caminhos diferentes.
- Quando o ingresso é individual, a responsabilidade quanto ao Período Introdutório é repartida entre a patrulha e o escotista encarregado do acompanhamento.
- Para os que chegam da Alcateia, também existe o Período Introdutório.
- No ingresso individual, a apresentação dos guias e atividades se realiza na patrulha.
- As decisões sobre as atividades são tomadas de comum acordo entre o jovem e o escotista encarregado de seu acompanhamento.
- Quando ingressa uma nova patrulha, o Período Introdutório pode ter variações.
- Quando o ingresso é coletivo, o escotista que fará o acompanhamento é responsável pela apresentação das atividades.
- O Período Introdutório se encerra com a Cerimônia de Integração.

O ACOMPANHAMENTO DA PROGRESSÃO PESSOAL

- A avaliação da progressão pessoal é contínua e faz parte da vida da Tropa.
- Acompanhar a progressão pessoal é acompanhar o desenvolvimento dos jovens.
- O desenvolvimento dos jovens se avalia pela observação.
- Avaliar por observação exige tempo, paciência e dedicação.
- Um escotista acompanha o desenvolvimento de, no máximo, 8 jovens durante um ano.
- A avaliação do escotista reúne a avaliação de outros agentes educativos.
- A opinião do jovem é a mais importante avaliação.
- Os pares contribuem para a opinião do jovem sobre seu próprio progresso.

CONCLUSÕES DA AVALIAÇÃO DA PROGRESSÃO PESSOAL

- A avaliação está concluída quando o jovem e o escotista encarregado de seu acompanhamento chegam ao consenso.
- A mudança de etapa de progressão pode implicar a substituição do Guia.
- Corte de Honta entrega distintivos, quando é o caso.



O PERÍODO INTRODUTÓRIO

A aplicação do sistema de Competências e objetivos e a avaliação da progressão pessoal dos jovens se iniciam no instante em que eles ingressam na Tropa Escoteira, quando eles começam a vivenciar as atividades que lhes darão oportunidades de se autodesenvolver.

O primeiro passo é um Período Introdutório, que começa com o ingresso do jovem e termina com a Cerimônia de Integração e com a entrega do seu primeiro distintivo de progressão. Este período deve ser pessoal vivido por cada jovem individualmente, e ele deverá cumprir os seguintes itens:

- Conhecer a estrutura da Tropa Escoteira.
- Conhecer os membros de sua Patrulha e os seus encargos.
- Entender e usar o lema do Escoteiro, o sinal, a saudação e o aperto de mão.
- Reconhecer os sinais manuais e apitos de comandos.
- Saber o grito da sua patrulha e conhecer o seu significado.
- Conhecer o uniforme/traje escoteiro e o significado dos seus distintivos.
- Conhecer o sistema de progressão escoteiro.
- Saber como hastear e arriar a Bandeira Nacional.
- Conhecer os aspectos mais importantes da história do Escotismo e da vida do seu Fundador.
- Conhecer a Lei e Promessa Escoteira.
- Participar das atividades com sua Patrulha.



OS JOVENS CHEGAM À TROPA POR CAMINHOS DIFERENTES



Poderá ser um lobinho ou uma lobinha que vem de uma Alcateia do mesmo Grupo Escoteiro. Neste caso, trata-se de um novo integrante que conhece a Tropa e a maioria dos escoteiros.



Poderá ser um amigo ou uma amiga de um membro de uma das patrulhas, que já manteve contatos anteriores e, de comum acordo com os demais membros da patrulha, tomou a decisão de se juntar à Tropa. Neste caso, trata-se do ingresso de um novo integrante em uma patrulha já existente, alguém que conhece pouco do Movimento mas que tem amigos na patrulha a que está aderindo.





Poderá chegar motivado pelos pais, por sugestão de um professor ou, simplesmente, por sua própria decisão, em razão do prestígio do Grupo Escoteiro junto à comunidade local, porque viu o que os escoteiros fazem e quer ser um deles. Estas situações são parecidas com a anterior mas, neste caso, é provável que o novo integrante não tenha amigos na Tropa nem nas patrulhas.



Poderá ser membro de um grupo informal de amigos que desejam ser escoteiros e decidiu se juntar coletivamente a um Grupo Escoteiro. Neste caso, nasce uma nova patrulha que carece de experiência escoteira.

Em qualquer dessas situações, e depois de tomadas as providências formais relacionadas com a admissão de novos membros¹, se for o caso, os jovens se juntam de imediato às atividades que estão sendo desenvolvidas, sem nenhuma diferença com relação aos demais e qualquer que seja a fase do Ciclo de Programa que estiver transcorrendo. O propósito desta rápida integração é fazer com que se sintam, o mais cedo possível, membros da patrulha e da Tropa. Contudo, as características do período introdutório variam conforme se trate de um ingresso individual ou coletivo.



QUANDO O INGRESSO É INDIVIDUAL, A RESPONSABILIDADE QUANTO AO PERÍODO INTRODUTÓRIO É REPARTIDA ENTRE A PATRULHA E O ESCOTISTA ENCARREGADO DO ACOMPANHAMENTO

Paralelamente à participação nas atividades, a patrulha, a Tropa e os escotistas iniciam com o novo integrante um diálogo intenso. Este processo, que constitui o Período Introdutório, não representa uma etapa de progressão, se prolonga por um tempo que varia entre 2 e 4 meses e tem como objetivos fundamentais:

¹ Há diversas diretrizes locais (que variam de Grupo para Grupo) e outras nacionais a respeito do ingresso de jovens no Movimento Escoteiro. Informe-se!





Integrar o jovem à patrulha.



Incentivá-lo a realizar as atividades de integração (citadas anteriormente) previstas para o Período Introdutório.



Caso o Grupo tenha optado pelo “Acesso Direto”, determinar qual será o 1º Distintivo de Progressão do Jovem e apresentar a ele o leque de atividades a que deverá se “entregar” para avançar em sua progressão, considerando seu desenvolvimento atual. Caso o grupo opte pelo “Acesso Linear”, o jovem iniciará sua caminhada, obrigatoriamente, pela etapa de PISTAS, e se apresentam como opções todas as atividades previstas para o Ramo Escoteiro, independentemente do estágio de desenvolvimento em que se encontre.

O QUE ACONTECE, DURANTE ESTE PERÍODO, SEGUNDO O PONTO DE VISTA DO JOVEM



Ele se torna amigo dos membros da patrulha, procura entender sua estrutura, os diferentes papéis, a cultura interna da patrulha e “conquista seu espaço” em relação aos demais. Este processo tende a ser mais lento quando o recém-chegado não tem vínculos de amizade com nenhum dos antigos integrantes da patrulha, o que exigirá um apoio maior dos escotistas para facilitar a integração.



Estabelece uma relação de amizade cada vez mais sólida com o escotista encarregado de seu acompanhamento.



Toma contato com a vida de grupo da Tropa, sua estrutura, visão, identificação, símbolos e tradições.



Adquire familiaridade com o sistema de atividades, etapas de progressão, distintivos e Guias.

O QUE ACONTECE, DURANTE ESTE PERÍODO, SEGUNDO O PONTO DE VISTA DA PATRULHA?



Integra o jovem às atividades e estimula sua participação no Conselho de Patrulha.



Procura ajustar seu equilíbrio interno à presença de um novo integrante, reforça os laços de amizade existentes e vincula o recém-chegado aos membros da patrulha que não o conheciam.



Transmite ao recém-chegado toda a informação básica de que ele necessita para se familiarizar com a patrulha, a Tropa e o Grupo Escoteiro.

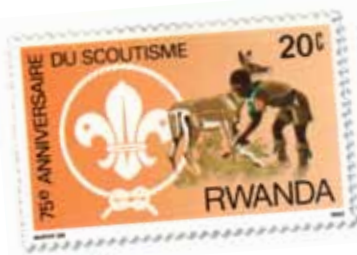


Faz o novo integrante conhecer o sistema de progressão e as atividades propostas nos Guias dos jovens.



O QUE ACONTECE, DURANTE ESTE PERÍODO, SEGUNDO O PONTO DE VISTA DO ESCOTISTA QUE ACOMPANHA O DESENVOLVIMENTO DOS INTEGRANTES DA PATRULHA?

- Estabelece relação de amizade com o recém-chegado e se apresenta à sua família, iniciando o relacionamento com os pais.
- Procura conhecer o jovem tanto quanto seja possível, observando seu comportamento e mantendo com ele um contato frequente. Este conhecimento é ainda mais necessário se o jovem não mantinha amizade prévia com nenhum dos integrantes da patrulha ou da Tropa.
- Apoia o Monitor no processo de integração do novato à patrulha e no fornecimento de informações sobre o sistema de atividades.
- Forma uma opinião pessoal a respeito do nível de desenvolvimento do jovem, no que se refere à conquista das Competências.



PARA OS QUE CHEGAM DA ALCATEIA, TAMBÉM EXISTE O PERÍODO INTRODUTÓRIO.

Quando o jovem é proveniente da Alcateia, é provável que todos os processos anteriores sejam facilitados porque, além de já estar familiarizado com o sistema de atividades, o “ex-lobinho” seguirá vinculado ao mesmo Grupo Escoteiro onde iniciou sua participação no Movimento. Mesmo assim, é preciso dispensar um certo cuidado ao desenvolvimento do Período Introdutório.

O lobinho que já se encontra no período de transição é incentivado a procurar, entre os escoteiros, as respostas de que necessita para atender a algumas das inquietações e indagações que caracterizam o final da infância. Assim, nesse momento de transição, o lobinho que se prepara para deixar a Alcateia tem a oportunidade de “farejar” as patrulhas e de se “deixar farejar” por elas.

Por isso, o Período Introdutório tem importante valia. Ele aproxima o monitor do jovem recém-chegado, já que ele divide a responsabilidade de ajudá-lo nas etapas. Também permite que a patrulha revise, constantemente, os símbolos, significados e conceitos básicos que caracterizam o “jeito escoteiro”.

Além disso, também permite que os jovens experimentem a Tropa e as patrulhas. Por exemplo, quando vários lobinhos e lobinhas desejam ingressar na mesma patrulha, em razão de amizades que estabeleceram com alguns de seus membros quando ainda eram lobinhos, ou porque a patrulha desfrutava, por qualquer razão, de um grande “prestígio” dentro do Grupo Escoteiro. Será que tudo é tão bom quanto parece? Também pode ocorrer o inverso, quando nenhum dos lobinhos que estão passando para a Tropa deseja ingressar numa patrulha que “tem fama” de ser complicada, entediante e pouco atraente. Será que tudo é tão ruim quanto aparenta?

Toda essa complexidade explica e justifica a razão de proporcionar às patrulhas e aos que estão chegando à Tropa procedentes da Alcateia um Período Introdutório que permita efetuar os ajustes necessários e para os quais os jovens saberão encontrar a solução mais apropriada.

Atenção para um alerta: é preciso evitar a utilização de critérios numéricos ou proporcionais para orientar o ingresso de jovens nas patrulhas. É fundamental respeitar o caráter da patrulha como grupo informal de amigos, sem romper afinidades naturais que existam entre os jovens, para que não se interfira perigosamente na coesão interna das patrulhas.

NO INGRESSO INDIVIDUAL, A APRESENTAÇÃO DOS GUIAS E ATIVIDADES SE REALIZA NA PATRULHA



A apresentação e o diálogo em torno das atividades ocorrem no âmbito da patrulha, com o reforço esporádico do escotista responsável pelo acompanhamento da progressão individual dos seus integrantes, que não substitui a patrulha na realização dessa tarefa e que só intervém para dar apoio ao Monitor, esclarecer determinados aspectos, reforçar a compreensão ou evitar desajustes.

Ao ingressar no grupo de amigos, o jovem também se incorpora à comunidade de aprendizagem que funciona em seu interior: participa das reuniões do Conselho de Patrulha, observa a avaliação mútua, conhece os Guias vê os distintivos de progressão usados por seus companheiros e, mais de uma vez, perguntará quando chegará sua hora de entrar naquele jogo.

Por isso, a apresentação das atividades e o diálogo sobre eles não exige uma palestra nem uma sessão formal. Ambos ocorrem com naturalidade e se realizam por meio da observação e de uma sequência de perguntas, respostas e conversas que se encadeiam entre si durante o Período Introdutório.

Tudo se passa de forma espontânea e o resultado é a compreensão do sistema de progressão.



QUANDO INGRESSA UMA NOVA PATRULHA, O PERÍODO INTRODUTÓRIO PODE TER VARIAÇÕES



Neste caso, que caracteriza o ingresso coletivo, o Período Introdutório é inteiramente confiado ao escotista responsável pelo acompanhamento do desenvolvimento dos jovens que integram a nova patrulha. Outras variações são:

- Como se trata de um grupo informal de amigos, o desafio não é a integração de um novo membro a uma patrulha, mas a integração de um novo grupo de amigos, como patrulha, à Tropa Escoteira.
- O Período Introdutório compreende, além de tudo o que já se analisou, o assessoramento à patrulha para que se estruture como tal: papéis a serem desempenhados, nome, “canto” de patrulha, Livro da Patrulha e demais componentes próprios de sua identidade.





Também compreende a supervisão da progressiva interação da nova patrulha com as demais. Monitores e Submonitores das outras patrulhas, criando um ambiente de acolhida, desempenham um papel de especial relevância neste aspecto.

Pouco a pouco, o escotista vai sendo substituído nessas tarefas pelo Monitor que a nova patrulha escolherá em um determinado momento logo que assume a função, este Monitor passa a receber uma formação mais intensa que os demais jovens.



QUANDO O INGRESSO É COLETIVO, O ESCOTISTA QUE FARÁ O ACOMPANHAMENTO É RESPONSÁVEL PELA APRESENTAÇÃO DAS ATIVIDADES

Mesmo quando uma nova patrulha ingressa coletivamente, mantém-se a ideia de integrar cada jovem ao sistema de progressão. Ou seja, mesmo que todos estejam no “mesmo barco”, o diálogo do escotista deve acontecer com cada um dos jovens.

Considerada a opção de acesso escolhida pelo Grupo, o escotista é livre para conduzir o processo de acordo com sua experiência e com as características e reações do grupo informal que acabou de ingressar. Ele poderá contar com o apoio da Corte de Honra, de outros escotistas e dos Monitores e Submonitores das outras patrulhas, solicitando que o ajudem em tarefas específicas.

Aproveite que os jovens recém-chegados vêm cheios de perguntas para, à medida que forem participando das atividades, se ambientem. Mesmo que seja difícil manter uma sequência lógica durante o processo, dada a falta de estruturação da maioria das perguntas, é preciso resistir à tentação de respondê-las de maneira forçada com, por exemplo, uma série de “apresentações teóricas” coletivas.

Não se deve apressar o ritmo natural. O primordial é a participação nas atividades e a integração à Tropa. Vendo atuar as demais patrulhas, e sem necessidade de qualquer motivação especial, os jovens logo estarão integrados.

O PERÍODO INTRODUTÓRIO SE ENCERRA COM A CERIMÔNIA DE INTEGRAÇÃO



Finalizados os itens definidos para o Período Introdutório e definido o ponto da progressão onde cada jovem iniciará sua caminhada, está concluído este momento.

Para marcar o fim deste período e o início de um novo, em que o jovem iniciará a realização das atividades e a conquista das Competências previstas para esta faixa etária, deve-se realizar o que se chama “Cerimônia de Integração”.

Tendo convivido com os escotistas da Tropa, com os novos amigos de sua patrulha, tendo conhecido o básico do Movimento Escoteiro, tendo realizado as atividades do Período Introdutório, tido contato com o rol de atividades propostas... Enfim, tendo contato com tudo que o escotismo pode lhe oferecer, ou continuar a oferecer, o jovem já pode decidir: “quero permanecer/participar efetivamente!”. Neste momento:



Sendo recém-chegado ou vindo da Alcateia, ele percebe que

- A patrulha o recebe, entregando-lhe o seu “distintivo de patrulha”;
- O Escotista firma o acordo, entregando-lhe seu 1º distintivo de progressão;
- A Tropa o saúda, gritando junto o lema do Ramo e oferecendo-lhe uma salva de palmas escoteira;

Se é recém-chegado, também sente que

- O Grupo o aceita, entregando-lhe o Lenço do Grupo e permitindo que ele ostente seu numeral no seu traje/uniforme;
- O Movimento Escoteiro no Brasil o acolhe, pelo distintivo “Escoteiros do Brasil”, que passa a estar visível a todos no novo traje/uniforme;
- O Movimento Escoteiro Mundial se alegra, pois mais um jovem passa a carregar o distintivo da Organização Mundial do Movimento Escoteiro.

A partir deste momento, estão todos prontos a ajudá-lo em sua jornada e aguardam, ansiosamente, o dia de sua Promessa Escoteira².

Outros pontos que podem ajudar a marcar este momento:

A presença dos pais daquele a quem o Grupo está apresentando as boas-vindas.

A apresentação do quadro de registro de atividades que fica à vista de todos, na sala da Tropa. Havendo este, que é opcional e que pode ser montado como um grande mapa de exploração, algumas patrulhas ou Tropas conservam um registro visual da progressão de todos os seus membros.

É importante salientar que, mesmo quando vários jovens são integrados em uma mesma cerimônia - o que é prática comum em alguns Grupos e que dá a Cerimônia um caráter de celebração mais elaborada -, o momento da Integração é individual e deve ter alguma característica que o faça pessoal.

Neste momento, o jovem também poderá fazer sua Cerimônia de Promessa, recebendo seu distintivo de Promessa. Caso isso não aconteça, por decisão do jovem, os escotistas deverão atuar para que ele faça sua Promessa em período futuro, que se recomenda não ser superior a dois meses.

Apesar de todos os efeitos desencadeados ao final do Período Introdutório, é conveniente lembrar que os jovens são membros da Tropa desde que nela ingressaram e, a partir deste momento, participam com todos os direitos do Conselho de Patrulha e da Assembleia de Tropa. A única diferença em relação aos demais é o fato de que antes não haviam sido acolhidos no Grupo Escoteiro e não usavam o traje ou uniforme escoteiro.



Para decidir qual Etapa de Progressão o jovem recebe após os itens do Período Introdutório, existem duas formas, e caberá ao Grupo Escoteiro decidir qual delas adotar.

a. Acesso Linear – Nesta opção, independente da Fase de Desenvolvimento e maturidade, todos os jovens ingressarão sempre na Etapa de Pistas, e avançarão na Progressão pela realização das atividades.

b. Acesso Direto - Ao aproximar-se do final do Período Introdutório, o escotista que acompanhará a progressão do jovem conversará com ele, avaliando em que fase de desenvolvimento ele está. O Jovem ingressará na Etapa de Progressão conforme as Competências que o mesmo já possui.

² O jovem pode fazer sua Promessa a qualquer momento depois do Período Introdutório. A única condição é que deseje fazê-la e informe ao Conselho de Patrulha. Como se reitera neste Manual, a Promessa não está ligada a nenhuma etapa de progressão e deve ser feita assim que solicitada.

Para efeitos de concessão dos distintivos de progressão, devem ser levados em consideração os seguintes parâmetros:

- Para passar da Etapa de Pistas para Etapa de Trilha – realizar metade das atividades propostas para a fase da pré-puberdade;
- Para passar da Etapa de Trilha para Etapa do Rumo – realizar a totalidade das atividades propostas para a pré-puberdade;
- Para passar da Etapa do Rumo para Etapa da Travessia – realizar metade das atividades propostas para a fase da puberdade;
- Uma vez na Etapa de Travessia e realizadas todas as atividades previstas, o jovem poderá conquistar o Distintivo de Escoteiro Lis de Ouro.

É importante destacar o que se entende por “realizar a metade/totalidade dos itens”. Em nenhum momento espera-se que um adulto impeça a Progressão de um jovem pela falta de uma ou duas atividades. Oferecemos experiências e avaliamos – em conjunto com o jovem – o desenvolvimento demonstrado.

Também não se deve entender que apenas a realização de um conjunto de atividades referente a uma Competência garante sua conquista. É missão dos escotistas, mais do que verificar se uma atividade foi feita ou não, avaliar se o jovem está se aproximando do definido na Competência, e motivar os jovens nesta direção.

Se o jovem, no momento de avaliação de sua Progressão, não se sentir seguro acerca da aquisição de um conhecimento, habilidade ou atitude, deve ser estimulado a realizar outras atividades que o levem neste caminho. O contrário também vale: um jovem que já demonstre uma Competência pode ser “liberado” de determinada atividade que julgue inócua ou entediante, desde que acordado com o escotista.

Tampouco se espera que todos façam exatamente as mesmas atividades. Há a opção de substituição de itens por quaisquer outros que julgarmos interessantes, considerando a realidade de cada jovem. Montar um blog pode ser muito fácil para um deles, enquanto para outro exigirá um esforço de disciplina tremendo. Este aspecto permite que jovens com alguma deficiência desfrutem de todo o potencial que o Movimento Escoteiro lhes possa oferecer.

Depois da Cerimônia de Integração, o jovem pode começar a conquistar Especialidades. Ao somar os números definidos, poderá conquistar os Cordões de Eficiência.

Depois da Cerimônia de Integração, poderá também trabalhar para a conquista da Insígnia Mundial do Meio Ambiente.

O ACOMPANHAMENTO DA PROGRESSÃO PESSOAL



A AVALIAÇÃO DA PROGRESSÃO PESSOAL É CONTÍNUA E FAZ PARTE DA VIDA DA TROPA



À medida em que se observa o desenrolar das atividades, é inevitável apreciar a forma como os jovens se comportam e comprovar as mudanças que neles ocorrem. Assim, a avaliação da progressão pessoal é um processo contínuo, um subsistema dentro do sistema aplicado: integrado a todas as coisas que acontecem; transcorre junto com elas.



ACOMPANHAR A PROGRESSÃO PESSOAL É ACOMPANHAR O DESENVOLVIMENTO DOS JOVENS

Entendemos por “progressão pessoal” o avanço que um jovem alcança paulatinamente na obtenção das Competências. Compreende todos os aspectos de sua personalidade e incorpora as ideias a respeito de crescimento e desenvolvimento. Mesmo quando essas expressões têm matizes que as diferenciam, podem ser usadas como sinônimos de progressão pessoal.

O “acompanhamento”, por sua vez, não consiste apenas em recolher e acumular informação com o objetivo de determinar até que ponto a conduta do jovem se aproxima ou se afasta daquela para a qual o conjunto de Competências e objetivos aponta. É um processo ameno que acompanha o desenvolvimento, estimula a participação do jovem na Tropa, eleva sua autoestima e o ajuda a melhorar o nível de conquista. É acompanhamento e não controle.

O DESENVOLVIMENTO DOS JOVENS SE AVALIA PELA OBSERVAÇÃO

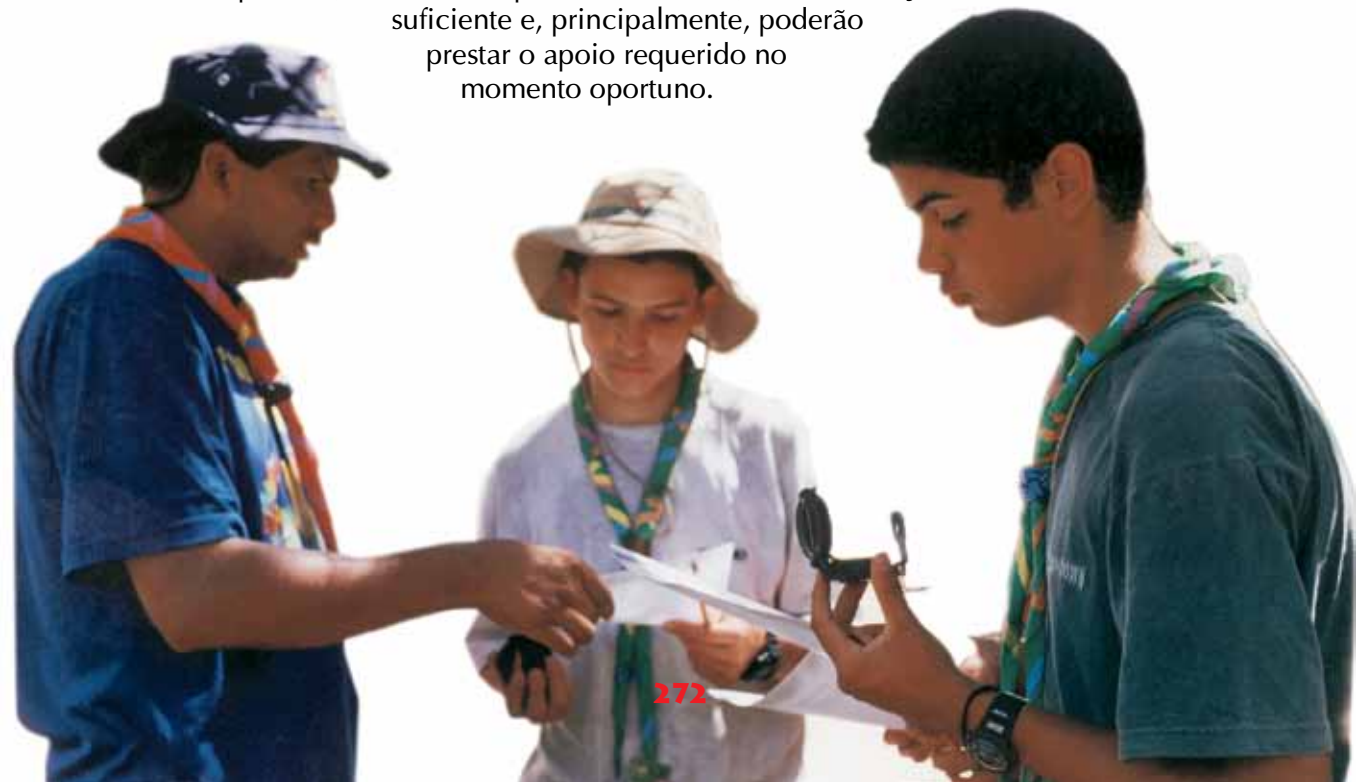


Temos insistido em que atividades desenvolvidas pelos jovens os aproximam da obtenção de condutas que se referem a todos os aspectos de sua personalidade. Isto significa que o desenvolvimento harmônico de um jovem também é integrado por componentes subjetivos que admitem um amplo juízo de valor.

Medir ou qualificar aspectos subjetivos é bem mais complexo que estabelecer o peso ou verificar se uma fórmula matemática foi ou não memorizada. Muitas medições simplesmente não são praticáveis, enquanto outras exigem o uso de instrumentos técnicos ou o emprego de pessoal especializado.

É por isso que a avaliação do desenvolvimento de um jovem se faz por observação, o que é coincidente com a natureza subjetiva da progressão pessoal, com a natureza complementar do Método Escoteiro - no universo dos agentes educativos - e com o caráter voluntário dos recursos humanos de que dispomos. Mas, nem por isso se deve imaginar que a avaliação por observação seja uma avaliação de menor importância. Ao contrário, é a mais apropriada para um processo educativo que compreende a pessoa como um todo.

Na atmosfera da Tropa, os jovens emitem, a cada instante, sinais que indicam seu progresso em direção à conquista das suas Competências e os problemas com que estão se defrontando. Se os escotistas estão preparados para atuar como educadores de tempo livre, saberão interpretar esses sinais, sua observação será confiável e suficiente e, principalmente, poderão prestar o apoio requerido no momento oportuno.





AVALIAR POR OBSERVAÇÃO EXIGE TEMPO, PACIÊNCIA E DEDICAÇÃO

Para avaliar por observação é preciso ter tempo. Tempo para conviver com os jovens e enriquecer os contatos, visitar a família, conhecer seus amigos, conversar com seus professores ou praticar em sua companhia um desporto ou um hobby comum. Um tempo que nos permita falar de tudo o que existe para falar, ouvir tudo o que se precisa ouvir, pensar no que se deve dizer e dizer de forma respeitosa o que é justo e oportuno. Um tempo para acompanhar, já que o processo é tão importante quanto seu resultado: não se trata apenas de avaliar se uma Competência foi alcançada, mas também de saber como foi alcançada ou por que não foi alcançada.

Também é preciso ter paciência. Para formar critérios válidos que enriqueçam o apoio que se presta aos jovens, há que se ouvir com calma, observar sem pressa, analisar com fundamentos e não desanimar facilmente nem buscar êxitos rápidos, que são improváveis em educação.

Por último, avaliar por observação também exige dedicação. Aplicar uma prova, um teste ou um exame são questões que dependem do manejo das respectivas habilidades técnicas, mas acompanhar constantemente a um jovem em seu desenvolvimento é uma questão de entrega voluntária e generosa.



UM ESCOTISTA ACOMPANHA O DESENVOLVIMENTO DE, NO MÁXIMO, 8 JOVENS DURANTE UM ANO



Por todas as razões anteriores, recomendamos que um escotista deve assumir o acompanhamento de um máximo de 8 jovens. É muito pouco provável que consiga fazer um trabalho efetivo se precisar acompanhar um número maior de jovens.

Se possível, os 8 jovens devem pertencer à mesma patrulha. Isto facilita o trabalho do escotista, pois não precisará se envolver na vida de várias patrulhas para acompanhar a progressão dos jovens. É preciso que o escotista saiba resistir à tentação de se converter numa espécie de “Super-Monitor” da patrulha integrada pelos jovens a quem acompanha.

O acompanhamento deve ser feito durante um tempo relativamente prolongado. Para fazer um bom acompanhamento, é necessário reunir informação e conquistar a confiança do jovem, o que não será possível se os escotistas estão sempre mudando ou se alternam após períodos muito breves. É recomendável que cada escotista permaneça em sua função por um período não inferior a um ano, podendo continuar por mais tempo, a menos que existam razões que justifiquem sua substituição. Ao se produzir uma substituição, esta deve ser progressiva, considerando cuidadosamente os sentimentos dos jovens.

A AVALIAÇÃO DO ESCOTISTA REÚNE A AVALIAÇÃO DE OUTROS AGENTES EDUCATIVOS



Os diferentes agentes educativos que atuam em torno da vida de um jovem podem proporcionar, sempre que possível, uma informação muito valiosa ao escotista.

A FAMÍLIA

Por serem os principais educadores de seus filhos, e considerando que as Competências são conquistadas pelos jovens em toda sua vida e não apenas na Tropa Escoteira, a família é fundamental no processo de avaliação da progressão de um jovem. Por sua vez, ela deve valorizar e confiar na formação escoteira que seus filhos recebem na Tropa.

Para que a interação entre o escotista e a família se desenvolva com fluidez, o escotista deve se aproximar dela, conhecê-la e se dar a conhecer, criar vínculos e adentrar pouco a pouco o ambiente familiar. A família não consentirá facilmente em conversar sobre seus filhos com uma pessoa em quem não depositem confiança.

OS PROFESSORES

Por conviverem com os jovens quase diariamente, os professores e professoras da escola que o jovem frequenta podem fornecer informações importantes sobre seu comportamento. Para conseguir “acessá-las”, é necessário que o escotista estabeleça alguma espécie de contato com estes professores, principalmente se o Grupo Escoteiro não faz parte da comunidade escolar. Vale considerar também que alguns destes mestres e mestras conseguem mobilizar uma admiração tão profunda por partes dos jovens que percebem coisas que, às vezes, nem a família consegue perceber. Mas, estes mesmos educadores e educadoras poderão demonstrar certa dificuldade em dividir estas informações, pois a maioria não reconhece o papel educativo de uma pessoa que colabora voluntariamente e que não é, necessariamente, um profissional da educação. É preciso aprender a vencer esta possível resistência e ser reconhecido como um interlocutor válido em matéria de educação.

OUTROS AGENTES EDUCATIVOS

Neste caso, se encontram pessoas tais como as autoridades da religião praticada pelo jovem, os instrutores ou examinadores de especialidades, os demais escotistas da Tropa e do Grupo, amigos não escoteiros e outras. Quando algum destes mantém um contato permanente com o jovem ou exerce uma significativa influência em sua educação e desenvolvimento, a opinião dessas pessoas é importante. Todas essas opiniões são complementares e contribuem para que o escotista forme uma visão mais ampla, mas não substituem, em nenhuma hipótese, o consenso entre o escotista e o jovem.

A OPINIÃO
DO JOVEM
É A MAIS
IMPORTANTE
AVALIAÇÃO



Os jovens dessa faixa etária estão sempre refletindo sobre si mesmos, na maioria das vezes de forma não consciente, examinando seus atos, suas vidas, seus sonhos, as atitudes de seus amigos. Este olhar para dentro costuma conter pensamentos críticos sobre seu jeito de ser, já que, entre os 11 e os 14 anos, o jovem costuma ser muito exigente consigo mesmo, inclusive, com o perigo de arranhar sua autoestima. Este comportamento precisa ser compensado pelos escotistas com um reforço positivo que os ajude a se atribuir um valor mais justo, além de dar mais importância a sua participação no grupo.

O Método Escoteiro se apoia nesta tendência natural do jovem e, a cada certo tempo, aproveitando uma atividade ou em encontros de caráter mais pessoal, o escotista encarregado de acompanhar a progressão convida o jovem a dar uma olhada nas atividades e tarefas que se propôs realizar, confrontando-as com o que foi efetivamente realizado até o momento e, deste diálogo, dos motivos de sucesso ou fracasso, tentar extrair a opinião que ele tem de si mesmo. As conclusões que o jovem extrair desse exercício podem ser discutidas com a patrulha ou com o próprio escotista. Também pode ser útil registrá-las por escrito em seu Guia, o que lhe permitirá observar avanços quando, mais adiante, repetir o mesmo exercício.

O importante neste processo é que os jovens devem perceber o interesse carinhoso do escotista pela opinião que eles têm de si mesmos. Isto facilita e torna consciente a autoavaliação e os ajuda a serem os primeiros interessados em seu próprio desenvolvimento. Não podemos esquecer que o Método Escoteiro é, essencialmente, um sistema de autoeducação.

Exceto pelas sugestões esporádicas e os diálogos - mais ou menos frequentes, de acordo com o perfil de cada jovem - não é necessário fazer nada mais durante o processo, deixando a iniciativa do próprio jovem, a ação natural de seus pares e os resultados espontâneos do Método fazerem o resto. Os jovens não devem se sentir pressionados e não existe nenhuma vantagem educativa em gerar obsessões de qualquer tipo.

A autoavaliação do jovem é a base do consenso que se produzirá no momento das conclusões, ao final de um Ciclo de Programa.

OS PARES CONTRIBUEM PARA A OPINIÃO DO JOVEM SOBRE SEU PRÓPRIO PROGRESSO



A avaliação de seus pares exerce forte influência na opinião que os jovens formam a seu próprio respeito. Em um grupo de amigos, a avaliação se manifesta informalmente de várias maneiras, desde as piadas até as conversas mais íntimas. Os jovens são muito sensíveis e, embora nem sempre o expressem, detectam com facilidade a opinião implícita que acompanha cada gesto ou cada atitude de seus companheiros.

Por meio da vida interna da patrulha, o Método Escoteiro procura fazer com que esta avaliação se manifeste como um apoio, tenha sua agressividade reduzida e represente uma contribuição à aprendizagem.

Como os escotistas não participam da vida interna da patrulha, percebem a opinião dos pares observando o relacionamento entre os jovens. A única maneira mais formal com que contam para conhecê-la é o diálogo com o Monitor da patrulha e as análises feitas na Corte de Honra. Por esses meios e pelo contato direto com o jovem, o escotista responsável pelo acompanhamento procura sistematizar a opinião dos pares e motivar no jovem uma análise objetiva das causas, se contrapondo ou reforçando os eventuais efeitos negativos ou positivos dessa opinião.



CONCLUSÕES DA AVALIAÇÃO DA PROGRESSÃO PESSOAL



A AVALIAÇÃO ESTÁ CONCLUÍDA QUANDO O JOVEM E O ESCOTISTA ENCARREGADO DE SEU ACOMPANHAMENTO CHEGAM AO CONSENSO



Para estabelecer este consenso, é conveniente que o jovem e o escotista responsável pelo seu acompanhamento tenham um encontro destinado apenas a determinar que atividades devem ser consideradas realizadas durante o Ciclo.

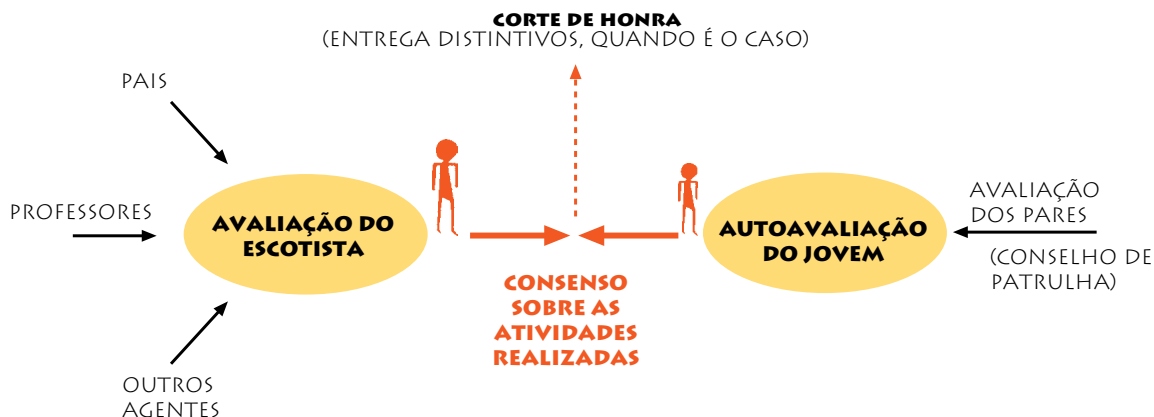
Esta reunião é mais uma entre tantas ocasiões em que o escotista e o jovem se encontram, o que facilitará o estabelecimento de um clima descontraído. Com esta conversa, estará se encerrando, para esse jovem, o processo de avaliação durante o Ciclo.

CORTE DE HONRA ENTREGA
DISTINTIVOS, QUANDO É O CASO



Nesta conversa, o jovem expõe sua autoavaliação, que se enriqueceu com a opinião de seus companheiros de patrulha, indicando as atividades que considera ter realizado durante o Ciclo que está terminando. O escotista compartilha com o jovem a opinião que formou, esclarecendo que nela se agrupam as opiniões colhidas entre outros agentes avaliadores.

Por exemplo, se, durante o Ciclo de Programa que está encerrando, foram enfatizadas as atividades relacionadas com a prestação de serviço ao próximo, uma atenção especial deverá ser concedida à avaliação das atividades sugeridas na área de desenvolvimento social.



Além disto, o encontro servirá para apoiar e animar o jovem em seu desenvolvimento, com o escotista apresentando ao jovem sugestões e correções destinadas a melhorar sua participação. A reunião servirá, ainda, para avaliar a “permanência” das condutas antes alcançadas, isto é, constatar em conjunto quanto do progresso alcançado em Ciclos anteriores permaneceu ao longo do tempo. O escotista, além de verificar se o jovem realizou as atividades descritas no Guia, ele deve verificar se as atividades estão levando os jovens à conquistas da Competências.

Durante o diálogo, e mantendo-se fiel aos critérios fixados pela Corte de Honra³, o escotista e o jovem chegam a um consenso.

A opinião do escotista é importante, mas em nenhum caso deve prevalecer pela simples razão de ser a opinião de um escotista. Ao contrário, o escotista deve estar sempre pronto a rever seus pontos de vista, levando em conta que reforçará mais o comportamento do jovem negociando com ele suas percepções do que impondo suas opiniões.

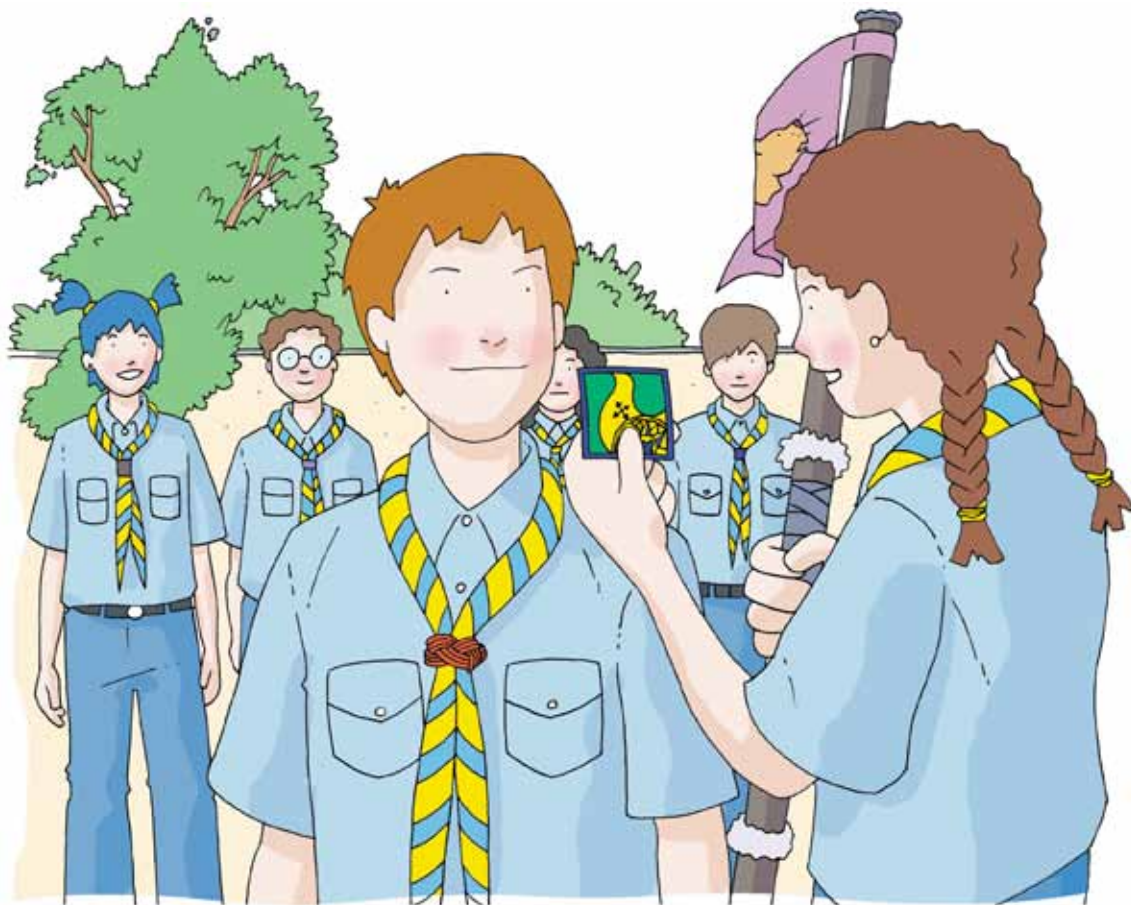
³ A Corte de Honra deve estabelecer as orientações gerais segundo as quais se fará a avaliação da progressão pessoal dos jovens. No entanto, fixar critérios não significa reinventar as regras do sistema. O único objetivo desta validação é dar uma certa padronização aos modos de agir e evitar possíveis disparidades que poderiam ocorrer entre os escotistas responsáveis pelo acompanhamento e no interior das patrulhas. Por exemplo, como se avalia, efetivamente, se um jovem “sabe utilizar alguma técnica de previsão do tempo por indícios naturais”? Fixados os critérios que demarcarão as conclusões, os Monitores devem informá-los aos seus Conselhos de Patrulha, com o único propósito de alinhar o entendimento e para que, a partir deles, os jovens confrontem este “marco regulatório” frente à avaliação inicial que fizeram de si mesmos.

Contudo, existindo discrepância que a habilidade de negociação do escotista não consiga eliminar, deve permanecer, sempre, a autoavaliação do jovem. É preferível que o jovem se exceda na apreciação de suas conquistas num determinado momento, para ser confrontado com a realidade no futuro, a se impor o ponto de vista do escotista.

Se, em virtude das conquistas alcançadas, o jovem estiver em condições de ingressar na etapa de progressão subsequente, o escotista apresentará este feito à Corte de Honra, que entregará o novo Distintivo de Progressão, e o jovem passará a buscar um conjunto de atividades mais adequado àquela nova fase.



A MUDANÇA DE ETAPA DE PROGRESSÃO PODE IMPLICAR A SUBSTITUIÇÃO DO GUIA



Se o jovem já recebeu o distintivo de Pistas e houver completado a metade das atividades previstas para o Guia de “Pistas e Trilha”, está apto a receber o distintivo de Trilha. Contudo, deve continuar utilizando o mesmo Guia, pois, completadas as atividades deste, estará apto a receber o distintivo de Rumo e então mudar para o Guia “Rumo e Travessia”, com o qual continuará sua caminhada no Ramo Escoteiro, até a transição para o Ramo Sênior.

